

A valentia das marruás pantaneiras

Vítimas de violência doméstica se uniram para sair do ciclo de agressão pelo qual passavam. Hoje, ajudam outras mulheres e crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica

Em março de 2017, uma pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Datafolha apontou que uma em cada três mulheres brasileiras sofreu algum tipo de violência no último ano. O agressor, na maioria dos casos, é uma pessoa conhecida da vítima. Ao observar o local onde ocorreu a agressão, considerando a violência mais grave sofrida nos últimos 12 meses, a casa respondia por 43% dos casos.

Ao longo dos treze anos, as marruás pantaneiras – como gostam de ser chamadas – atenderam a mais de 3 mil mulheres na Amina. Profissionais da instituição dão apoio às vítimas de violência, prontificando-se a acompanhá-las até a delegacia para prestar queixa, solicitando ajuda de outros órgãos e entidades, quando necessário, e oferecendo cursos que visam a proporcionar geração de renda. Com a ajuda, muitas delas conseguiram sair do ciclo de violência pelo qual passavam, elevaram a autoestima e começaram a ter uma nova perspectiva de vida. “Temos um orgulho muito grande de podermos ajudar a outras mulheres também. Indiretamente, já conseguimos gerar emprego e renda para outras pessoas. Temos em nosso grupo cabelereiras, manicures, costureiras”, conta Nilma.

Corria o ano de 2004 quando 12 mulheres decidiram se unir para mudar o cenário de violência doméstica que sofriam. Moradoras de Anastácio, uma pequena cidade na região do Pantanal, no Mato Grosso do Sul, elas começaram a produzir artesanato, uma forma de gerar renda e alcançar a independência financeira, de modo a não depender do agressor. Nascia assim a Associação de Mulheres Independentes na Ativa – Amina.

Com o artesanato sendo vendido em feiras da cidade, outras mulheres começaram a procurar a instituição. E, durante as conversas, vieram novos relatos de agressões sofridas no próprio lar. “Nós nos sentimos na obrigação de ajudar essas mulheres que estavam pedindo socorro. Fomos crescendo, conquistando parcerias, conseguimos até construir o nosso próprio prédio”, conta a coordenadora-geral da Amina, Nilma Infran.

No entanto, essas mulheres ainda tinham uma preocupação: a qualidade de vida dos filhos. “As mães reclamavam muito que não tinham uma atividade cultural e esportiva para as crianças, porque a cidade não tem muita estrutura, não tem emprego, são muitas as dificuldades. Durante o curso, por exemplo, elas não tinham onde deixar os pequenos”, conta a coordenadora-geral da Amina.



Foto: Divulgação/Amina



Além de dar apoio às mulheres vítimas de violência, a Amina estruturou um projeto específico para as crianças no contraturno escolar

Foi para atender à necessidade dessas mulheres que a instituição estruturou um projeto específico para as crianças no contraturno escolar. A ação, contudo, se estendeu também a outras em situação de vulnerabilidade socioeconômica da cidade. O trabalho se tornou possível com o apoio do *Programa Criança Esperança*, uma parceria da Rede Globo com a Unesco, em 2017.

OS MARRUAZINHOS PANTANEIROS

“O *Criança Esperança* possibilitou encanto para a cidade”, afirma Nilma. Com a parceria, a Amina pôde oferecer aulas de balé, sapateado, violão, caratê,

informática e reforço escolar de matemática e português. A expectativa de atender a 300 crianças foi superada e, no ano passado, 450 jovens participaram da iniciativa. “Com as atividades, buscamos incentivar as crianças para que abram suas mentes e pensem sobre quais sonhos podem realizar, que caminho querem seguir. Estamos mostrando que elas têm muitas possibilidades”, diz Nilma.

Dentre as exigências do projeto está a presença de no mínimo um responsável por alguma das crianças para auxiliar o professor. A estratégia permite a aproximação familiar. “Adotamos essa medida porque há muitas famílias que estão afastadas. E muitas crianças sentem falta desse relacionamento. A nossa intenção é de que os pais apoiem seus filhos”, explica Nilma, contando que, com a participação durante as ações, alguns familiares despertam até mesmo para o potencial da criança.

Com as atividades, atitudes como desobediência, falta de disciplina, agressividade e baixo aproveitamento na escola vão cedendo espaço para uma nova forma de agir. “As crianças descobrem uma nova perspectiva de vida e, com isso, encontram ânimo para serem mais disciplinadas e estudar, o que acarreta um melhor desempenho escolar. Elas também se tornam mais calmas e começam a dialogar mais e melhor”, diz Nilma.

Os frutos de todo esse esforço, dedicação e perseverança já podem ser sentidos pelos alunos. Exemplo disso foi o resultado obtido no Circuito Estadual de Karatê Olímpico, realizado em Campo Grande/MS, em que as crianças da Amina conquistaram 22 medalhas: 4 ouros, 6 pratas e 12 bronzes.

Em 2018, o projeto segue com os recursos arrecadados por meio da loja da Amina. Com toda a força que tem uma mulher, as marruás pantaneiras continuam trabalhando para garantir um futuro melhor para tantas outras mulheres e crianças de Anastácio. ■